

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

26 DE MARÇO DE 1966
ANO XXIII — N.º 575 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



CALVÁRIO

Os olhos do «Zéito»
testemunham a «ressur-
reição» que o «Calvário»
lhe proporciona.

Dantes... ele era um
como tantos que ainda
jazem no pardieiro!

FESTAS

É 2.ª-feira. Esta semana começa o rodopio. Ontem foi o ensaio geral da música. Amanhã será o ensaio geral da música e do poema, já no palco do Coliseu.

Na rouparia dão-se os últimos toques na adaptação das fatiotas ao corpo dos actores. A colónia portuguesa de New York tem colaborado muito, sobretudo com vestidos para as «actrizes», em lotes de roupa esplêndida que nos manda, volta e meia.

Já chegou a notícia de um cenário novo. Do cenário... e da conta! Que ninguém foge ao «a quem quer festa, sua-lhe a testa»!

Também surgiram percalços muito inoportunos: umas constipações, umas dores de dentes, uns ferimentos... que oxa-

lá se resolvam de modo a não perturbarem o brilho do espectáculo. Mas o susto maior foi a chamada para a tropa de um dos mais destacados actores. Substitui-lo nestas vésperas em que estamos não é coisa fácil. Eu nem quero pensar como há-de o João resolver o problema, se ele se não solucionar pelo melhor! E não se diga que nos apanharam em falso relativamente a esta possibilidade, pois que as datas das Festas foram marcadas para período entre incorporações já por causa dos actores prestes a entrar no serviço militar!

Isto o que vai por aqui.

Nas outras Casas prepara-se azáfama semelhante, embora no Tojal

Cont. na página quatro

Aqui, LISBOA

Falámos de coisas superficiais para acabarmos em coisas sérias. O nosso interlocutor, na idade do sonho e das esperanças, é nosso há uns 12 anos e vai fazer 17 primaveras. Não conhece o pai, nem tão pouco este consta dos registos, e a mãe nunca a cá vimos em Casa. Pensa ter mais dois irmãos mas não há a certeza de a irmandade não haver sido acrescida... A conversa seguiu o seu curso e abordamos, inevitavelmente, o choque que lhe causa a ausência dos laços do sangue, força poderosa por que naturalmente todos clamamos. Ao olhar embaciado do nosso Rapaz correspondemos com a palavra amiga adequada mas, ao fim e ao cabo, nós que pretendemos ser fortes, acabamos também por ser vencidos pelo sentimento... Um abraço apertado, a culminar, disse mais do que tudo, na sua expressão inexprimível.

Todos os dias pedimos ao Senhor para amarmos melhor os Filhos que nos deu, em toda a extensão em que o Amor se possa colocar. É uma maneira de o concretizar, sem dúvida, é clamar pelos direitos daqueles que nos foram confiados. Por isso, aqui estamos de novo, proclamando aos sete ventos a injustiça de que são vítimas tantos milhares de crianças, ante a passividade dos responsáveis, que não legislam no sentido de pôr cobro a tantos atropelos da Lei Moral. Por esse Mundo há muitos crimes de comissão, mas os de omissão ultrapassam o número daqueles. Por que esperamos todos?

Um aspecto que exige rigorosa intervenção dos poderes adequados é, sem dúvida, a insegurança, a inoperância e a tendência para o fracasso de toda a acção educativa realizada pelas instituições particulares ou oficiais que

não tenham por detrás uma certa garantia legal. Dois exemplos recentes ajudarão a compreender melhor o que pretendemos dizer.

X, uma criança de ar angelical, é oficialmente filho do homem que casou com a sua progenitora e que se encontra no Brasil. Por outro lado, a mãe vive ou tem relações de inti-

— CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

TRIBUNA DE COIMBRA

Escrevo sentado à sombra e com os pés ao sol primaveril de Março. Tenho na frente a casa-mãe que anda em obras. Ouço o bater do martelo do Caracol que arranca soalho roto e o do Grilito que prega remendos novos. Avó de maceta e ponteiro na mão rasga uma janela na parede. Vitinho passa à minha beira de gamela à cabeça, ora com massa para o ladrilhador, ou com dela para o pedreiro. Zé Grilo e Zé António andam com Joaquim de Montenegro a dar volta de pintura às madeiras.

A nossa casa-mãe chegou ao último estado e não imaginávamos quanto estava danificada. Foi construída há quarenta e seis anos e é a mãe das Casas do Gaiato desde Janeiro de 1940. Nunca mais levou uma reparação a

sério e por isso tem razão para estar assim.

Começámos por fazer quartos de banho. Vivem na casa trinta e cinco dos mais novos e havia um só quarto de banho antigo e totalmente interior. Há dias o Toinito de quatro anos, foi muito contente dizer aos visitantes: andam lá xima facher retetes pós miúdos. Das retetes passamos aos telhados, aos tectos, às portas, aos soalhos, às paredes. Tudo necessita de obras.

Eu ando algemado. Nesta altura do ano em que não temos pedutórios nas igrejas e em que temos de comprar tudo, tudo para dar comer diário a cento e dez rapazes (e graças a Deus não têm fastio) e aos Irmãos Pobres que vêm buscar o que necessitam, ando

algemado com as obras que se avolumam.

Tenho gritado de há meses para cá e poucos têm acudido e destes poucos quase todos são de fora de Coimbra. Onde está a nossa gente de Coimbra?

As muitas algemas são aliviadas pelo cantar do Vitinho e do Avó (aos quais já hoje puxei as orelhas), pelo assobiar do Caracol, pelas graças do Zé Grilo e pela alegria dos seis pequeninos que não têm escola e se não cansam de mirar os azulejos infantis que estão a ser colocados na sala de jogos dos miúdos.

— Continua na TERCEIRA página

AGORA

Já o tenho dito mais vezes: Esta coluna tornou-se um adorável convívio. Tirando o grupo dos **Eventuais**, que em grande parte, são assinantes que se lembram do Património dos Pobres ao liquidar o seu jornal, vários deles fazendo ainda alusão àquela campanha dos 30.000x20\$00=50 casas, a qual esmoreceu um pouco e é pena — tirando estes e também alguns das **casas por inteiro** (dos quais, numerosos são repetentes!), o resto dos devotos desta querida Procição são certinhos em cada saída dela. Isto faz dela um encantador encontro, mas com o seu reverso. Pois não se contam por dezenas de milhar os leitores de «O Gaiato»? Ora, permanecendo embora os mesmos, outros haviam de aparecer com mais ou menos regularidade, acrescentando a Procição e nunca a deixando diminuir pelo corte da meta dos que a vão atingindo. É certo que estes ganham o gosto e dificilmente se ausentarão em definitivo. Aqui vale também o «quanto mais, mais» do Evangelho, pois ao longo deste desfilar vai-se aprendendo que «é no dar que se recebe».

Começamos, então, pelos já mencionados **Eventuais**: 50\$ da Maria Ernestina; 20\$ de Luís; outro tanto de André; o mesmo de João; e outra vez o mesmo de José.

Casas por inteiro: 15 contos para uma, de um Empregado, em memória do Patrão, que estará gozando no Céu, assim o esperamos, o abafa que deu a Cristo, muitas vezes, na pessoa dos Pobres.

No mealheiro junto à bilheteira do Teatro Sá da Bandeira, vão caíndo, pouco a pouco, os donativos. Logo que atingem os 12 contos, aí vem mais uma **Casa do Teatro Sá da Bandeira**. Tem sido uma por ano, desde há vários anos.

Mais 30 depositados pela Maria do Céu, «um nome que diz muito e não quer dizer nada... Oxalá chegue para abrigar uma Família do frio e da chuva. Continuo a fazer campanha...»

A **Casa Manuel**, festeja em obras de eternidade o regresso feliz de um Manuel que serviu a Pátria em África. Seus Pais assim quiseram bendizer o Senhor.

E, finalmente, 14.150\$00 deixados por anónimo no **Espelho da Moda**.

Casas para que vários concorrem. Na verdade este nome não é o que devia ser. Ainda aqui são quase sempre os mesmos (e poucos) os que concorrem.

Registamos hoje duas vezes 150\$, da mesma pessoa, para a **Casa dos Licenciados**: (Mal parece que estamos em pátria de doutores!)

Para a **Casa de N.ª S.ª do Carmo**, 40\$ de Fernanda e 20\$ de Laura.

De Bragança, de Maria de Lourdes, sempre presente com o seu dom, que é sacrifício: três vezes 100\$, para a **Casa de N.ª S.ª de Lourdes, Casa do meu Aniversário e Casa Santa Maria**. E mais este desabafo:

«Mais um ano passou e ninguém destas Casas se lembrou!

Causa-me tanta tristeza, verificar que nem todos os assinantes repartem dos seus tesouros, por aqueles que não têm casa nem conforto onde possam descansar!!!

A Caridade cristã, que Jesus ensinou, aiada não é vivida por grande número de capitalistas, que só têm ambições de tudo que é material!!!

A Casa de N. Senhora de Lourdes, já há 9 anos que foi iniciada e ainda não vi notícia, que estivesse completada! Lembrem no jornal, para que em breve seja acabada».

Seguem os **Pessoais**. Também são velhos conhecidos.

O da Caixa de Previdência do Distrito do Porto apareceu duas vezes com 190\$ e 240\$. Eu penso, até, que deve haver aqui qualquer engano nosso, pois contava com mais presenças.

Os da Caixa Textil, também com os seus dez tostões mensais, somaram 231\$, 244\$, 232\$ e 230\$ nos últimos meses de

1965. E no ano corrente, já cá estão as presenças de Janeiro e Fevereiro: 255\$ e 250\$ respectivamente.

Por quatro vezes o Pessoal da Panificação: duas 172\$50 e as outras duas 175\$.

Outrotanto do Pessoal da HICA: 1.735\$20 e 1.733\$80, a fechar 1965. E 1.978\$20 mais 1.737\$80 relativos a Janeiro e Fevereiro de 66. Há ainda a aumentar o donativo de 11.067\$20 da Administração da HICA, tanto quanto juntou o seu Pessoal no 2.º semestre do ano passado.

Fecham esta jornada os de todos os meses e ficam para a próxima os das **Casas a prestações**, que só eles são uma **Procição**.

Quatro entregas do assinante 33.503 no Montepio Geral em Lisboa. A Alda do Ribatejo com os seus 70\$ de sempre. Os 20\$ do que poupa ao tabaco.

Mais a que pede «uma A. M. pela conversão de um chefe de Família». E a Maria do Pequeno Louvre. Cem da Odete, «para saldar as minhas quotas de Agosto a Dezembro». 240\$ da Mary por todo o ano de 65.

E quatro visitas do Senhor «Major do silêncio»: «Como vê, sou de ideias fixas e não desisto de cumprir sempre com os meus deveres e satisfazer os meus desejos. Mantenho-me nos 30.000x20\$=50 casas e na chuva dos novos de lá e confesso-lhe que me desgosta se ficar sem companheiros nesta senda do bem».

Que assim não seja!



VISTAS DE DENTRO

Chegaram há pouco os três irmãos... Não são de longe. Trouxe-os a mão amiga de Assistente Social que vive quando faz — identidade que nem sempre se verifica entre as oficiais do mesmo officio!

Passados dias fugiram. Eram quase 9 horas da manhã e eu regressava da Capela, quando dei por uma grande correria, seguida, daí a pouco, pelo regresso dos fugitivos.

O mais velho, entre soluços, confessava: — A gente não ia fugir. Só íamos ver as nossas meninas. Temos tantas saudades delas!

Soube que as «meninas» deles, eram as irmãs mais novas, uma delas ainda bebê, a viver com vizinhas desde que a Mãe os abandonou.

Consoltei-os e prometi ir por lá mais eles, mal pudesse.

Também eu ganhei saudades de ir conhecer as «meninas» destes meus meninos!

Dias depois, assistia na Tipografia à montagem da nossa máquina de dobrar. Acabara o almoço havia momentos, mas a novidade da máquina retinha por ali muitos mirones fazendo o seu recreio, diferente do habitual.

Eis senão quando, entra o mais velhito dos nossos três irmãos e estende-me uma carta:

— Olhe! Leia! É do meu Pai. Eu já a lera, mas fiz de conta que não e voltei a ler.

— Guarde-ma — disse ele, de olhos irradiantes, quando acabou.

Para o pequenito nem máquina, nem recreio, nem a multidão que ali estava de olhos atentos à montagem — nada! Só o seu tesouro: a carta do seu Pai!

A força da Família! O sabor que o sangue dá às coisas!

A Mãe fugiu... Anda por lá, com outros. O Pai é um hominho e ficou com sete, todos pequeninos. Estes três são nossos: queremos-os para sempre. Assim exigimos como condição de os receber.

Parece que somos contra a Família!...

Não. Não somos.

Somos contra a fraqueza das leis que não defendem suficientemente a Família; das leis que não procuram e não punem a mulher que abandona sete pequeninos e vai atrás do seu vício. (— Não será crime?)

Somos pela estabilidade das vítimas inocentes.

DOCTRINA

Pego no recorte que Júlio me entregou há quase dois anos e encontro-lhe actualidade perfeita. Antes assim não fosse; antes já não tivesse oportunidade de utilizar como sugestão para estas linhas, as considerações do Presidente da Câmara de Lisboa no seu relatório, creio que de 1963!

Neste se abordam as causas que produzem o afluxo das populações rurais a Lisboa com a sequência de problemas decerto impossíveis de remediar se, concomitantemente, se não tapar a brecha que lhes dá origem.

Terá sido sempre um pouco assim. Mas nos últimos decénios o fenómeno assume dimensões desastrosas: a redução de um país aos seus grandes centros.

Eu não tinha lido ainda as palavras corajosas daquele relatório. Tampouco as transcrevo aqui, de tantas vezes repetidas nas colunas de «O Gaiato», várias delas, mesmo, a propósito da cintura de barracas e bairros de latas que aperta a nossa capital. Apenas dou o resumo da conclusão encontrada: «Tudo quanto contribuir para a fixação do homem à terra nos meios rurais, contrariará o seu desejo de fuga para a cidade».

Impregnado desta certeza foi que Pai Américo gerou o

Património dos Pobres e o concebeu aberto a todos os que desejassem trabalhar em Verdade e pela Justiça — de tal modo que o fruto foi o acordar de muitas consciências dormentes e o levantar da cruzada que cresceu e se ramificou nos tipos mais ou menos evoluídos da Auto-Construção.

A casa, a casa própria, — quanto ela está no coração dos homens! É vê-los, os nossos emigrantes, a amealharem lá, na terra do seu sacrifício, para comprarem na terra do seu amor, uns palminhos de fundo e uela implantarem uma casinha para os seus!

A estabilidade que uma casa proporciona, mesmo enquanto significa apenas uma meta de desejos!

Não tem outra intenção, também, se não a de fixar à terra e de prestar atenção aos justos anseios da juventude rural a abertura recente em Lamego de um Lar para Aprendiz. Não que haja ilusões e se não conte desde já que a maioria daqueles rapazes, feita a aprendizagem, não voltará à terra. Mas, ao menos, retarda-se a sua fuga para a cidade. Proporciona-se-lhe um officio que o não deixará sofrer a triste e perigosa condição dos que não têm profissão definida, os quais cons-

tituem (também o citado relatório camarário o regista) um flagelo que urge remediar. Dá-se-lhe essa preparação no seu próprio meio. E espera-se — isso sim! — que sempre em alguns será mais forte o apego ao seu torrão natal. E, onde hoje não há, amanhã será preciosíssima a presença do pedreiro, do trolha, do carpinteiro, do barbeiro, do sapateiro, do alfaiate, do serralheiro..., que darão ao seu povo uma suficiência que é já atenuação do vazio a que são abandonadas as populações rurais.

Bem sabemos que são pequeninos esforços, anões diante do gigantismo do problema a que correspondem. Mas valem como doutrina em obras, que de boas palavras só, está o mundo cheio. Tanto, que sendo lúcidas e exactas todas as que enchem o documento de que partimos, e vindas da Autoridade de que provêm, com a capacidade de recursos e até de audiência de quem as escreveu — elas não perderam nada em actualidade, posto pertençam a um relatório de actividades em 1963.

Que Deus abra os olhos e as mentes dos homens sobre um país que não é só Lisboa e Porto, nem Luanda e Lourenço Marques e mais uns tantos centros...; e os leve a ultrapassar as perspectivas tecnicistas dos financeiros, na linha de um humanismo cristão, justo.

COLISEU
DO
PORTO

8 de Maio

Às 18,30 h.

2.ª FESTA

BILHETES A VENDA: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas Bilheteiras do Coliseu do Porto.



Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

midade com outro homem casado. Depois de 2 anos de estar em nossa Casa, X é retirado, sem que lhe possamos valer. Y e Z são de Trás-os-Montes. O pai abandonou o lar e a mãe veio para Lisboa, onde vive ou viveu com outro homem. Um dia, após ano e tal de permanência dos filhos aqui, aparece, deixando à porta da nossa Casa o seu habitual acompanhante e decide levar os filhos.

Um e outro caso são expressivos. Mas há-os ainda mais. A Justiça é morosa e tem as suas peias. Nós não podemos andar a caminhar a toda a hora para os Tribunais. Perante Deus temos a consciência tranquila, mas como temos os pés na terra, custa-nos ver o desbarato de tantos esforços e cansaças.

Se os pais (?), para não falarmos já em simples parentes, que abandonaram ou nunca quiseram saber dos seus filhos ou afins, passados 10 ou mais anos, têm sobre estes mais poderes do que aqueles que lhes mataram a fome, ves-

tiram os seus corpos, lhes ministraram todos os cuidados e sofreram as angústias de todo o processo educativo!

.....

As escolas estão na sua fase final. Há que prover agora ao seu recheio: carteiras, armários, mesas, lousas e material escolar. Ainda não sabemos como isto vai ser, mas continuamos acreditando que, se algum dia tivéssemos feito contas à moda do mundo, ainda não teríamos começado os caboucos. Se te quiseres sentar de novo, embora em espírito, numa carteira escolar, marca a tua presença e diz sim à chamada.

.....

As festas são o assunto apaixonante do momento. No dia 21 de Abril, pelas 18 h. e 30 m., estaremos no Monumental. Na Amadora, antes ou depois dessa data, esperamos contactar com os Amigos daquela progressiva localidade. Nas Caldas há gente interessada e, se os Escalabitanoes quiserem, contamos ir a Santarém. Não nos deixem ficar mal os Amigos do Sul do País e reparem na série de festas a realizar a norte do Mondego!

Padre Luiz

Naquela barraca vivem em promiscuidade: mãe, filha e netos. Um conjunto humano onde há prostituição, fome, frio, tudo miséria a condizer com a barraca. Elas, a barraca e a fome, dominam a moral e arrastam ao desleixo. Para que dizer que tomem gosto na honestidade, se eles vivem no meio dum monte de latas e farrapos?

Ontem chovia muito. O vento era forte. Eu acordei de noite e pensei nas barracas e nos seus habitantes. Sofri por me sentir aconchegado na minha cama. Eu sei avaliar, por experiência própria, o desconsolo que é dormir com frio e na humidade da barraca.

Nós temos sido de discursos e palavras; mas viver os problemas dos nossos irmãos, está longe de nós. Custa-nos apalpar as chagas dos outros. A barraca é uma chaga a sangrar. Ela e o que ela gera, são o fruto do nosso egoísmo, são uma força que nos acusa e faz roer a consciência.

Cada vez que vou a Lisboa, vou vendo dum lado e doutro da estrada, todo o progresso que vai aumentando de dia para dia: prédios enormes, vivendas ricas, auto-estradas, ponte sobre o Te-



jo, estaleiro naval, tudo em evolução. Entre a Cova da Piedade e Cacilhas, mesmo em frente ao novo estaleiro, há contraste. A evolução ainda ali não chegou. É um miradouro de barracas que estão fora das normas do progresso. Quando temos muitas feridas, começamos a curar a mais chagosa, aquela que tem mais perigo de infecção. E se a barraca infecta! Não se vive ali, porque o seu habitante vai perdendo pouco a pouco a noção de que é humano. As condições em que vive não o deixam ver aquilo que um ou outro vicentino lhe quer dar. «Temos medo de falar a estômagos vazios», dizia-me há dias um homem.

Fu conheço famílias que viviam em autênticas estremeiras nas «ilhas» do Porto, e viviam mal, sem gosto, tudo cheirava a nudez, por dentro e por fora. Depois houve a mudança prós bairros, e a coisa melhorou: há gosto; há flores; há seres humanos a viver como tal! Eu preseciei esta ressurreição, e por isso a trago aqui, para que vejas a Barraca com amor. Olha o progresso, e se puderes, faz com que ele entre nas barracas. Que não vejas só as avenidas novas. O mundo das barracas é também o nosso. Ali habitam os nossos irmãos. Vivem no meio de lixo, e cobrem-se de noite com farrapos molhados. E nós limpamos os pés a ricas carpetes. Se sentisses coragem de entrares ali, amavas e não te sentirias bem na tua cama.

Os prédios vistosos não tapam as barracas, antes, poem-nas mais ao léu, porque o pobre tem medo das rendas caras, e foge para onde possa fazer frente à vida, com o pouco que ganha. Assim, temos mais prédios de luxo e mais barracas; mais progresso e mais miséria. Que grande barreira: o mundo das avenidas e o mundo das barracas.

Ernesto Pinto

Tribuna de Coimbra

Muito mais do que as minhas preocupações monetárias vale a recuperação dos rapazes pelo estímulo do trabalho que é deles. O Avó, das arrabalde de Coimbra, foi abandonado com os irmãositos pelo pai após a morte

Continuação da primeira página

da mãe. O Vítinho foi-nos entregue pelo Tribunal e foi o quarto irmão que recebemos: Zeca que presta agora serviço militar em Angola, Tónio que se prepara numa oficina mecânica e Zéquita que tem sete anos e anda na escola. A mãe destes é o farrapo humano mais esfarrapado que até hoje conheci. Caracol foi-nos dado por Sr. D. Manuel. A mãe é uma pobre mulher da Beira Alta que tem muitos filhos e muitos homens. Zé Grilo (regressado há pouco do serviço militar em Timor) e Grilito são irmãos muito amigos, filhos da mesma mãe e de pais diferentes. Zé António veio da Figueira aos cinco anos e anda agora num período difícil

da vida e muito nos tem ralado.

O Toinito é o sexto dos sete filhos de uma pobre mulher solteira e doente, da Beira Baixa, que teve de ser internada numa casa de doenças mentais. Veio para nossa casa ao colo.

Joaquim Montenegro, hoje com curso de pintor, foi em pequeno com os quatro irmãos das nossas colónias de férias. É chefe de família em Coimbra e tem dado sempre boa conta de si mesmo.

Se não fosse outro o motivo das nossas obras bastava a alegria de todos a compor e a aperfeiçoar o seu ninho e o ninho dos irmãos que hão-de vir.

Não esqueças a tua ajuda.

Padre Horácio

Lar Operário em Lamego

Há diversas notícias a comunicar e eu sei que muitos gostam de as ler. O tempo é que não dá para tudo e nem sempre temos oportunidade de escrever

Desta vez o mais importante é a venda do jornal em Lamego e a vinda dos Gaiatos de Paço de Sousa, ao Teatro Ribeiro Conceição. A cidade tem acolhido muito bem o «Famoso» e já vamos nos 400 exemplares vendidos quinzenalmente. Ultrapassou todas as expectativas que não eram nada lisonjeiras. Para além do resultado material, está a doutrina que o «Gaiato» vai espalhando. Não é fácil ler este jornal sem se tomar uma atitude. Dizia uma vez Pai Américo que as suas letras se fossem picadas deitariam sangue. Após a sua leitura quantos corações ficam a sangrar por ver o sofrimento de alguns irmãos. Talvez que muitos não conciliem o sono sem enviar uma resposta às necessidades apresentadas. Nós próprios já podemos dar testemunho. Veio a máquina de costura, vieram roupas e calçado e dinheiro e géneros. A venda do «Gaiato» traz sempre à nossa casa um certo alvoroço. Os rapazes, no geral, gostam de ir vender os jornais e torna-se necessário fazer escolha. Sabemos que eles são acarinhados e não falta quem os traga de carro quando se encontram em pontos mais afastados da cidade. Tudo isto alegra o nosso coração e compensa algumas horas amargas que vão surgindo.

Igualmente notamos que foi recebida com satisfação a notícia da festa dos Gaiatos no

Teatro Ribeiro Conceição. Da venda dos bilhetes ainda nada podemos dizer, mas pelo que estamos a observar é fácil adivinhar que a casa vai ser pequena.

Tudo isto nos vai tirando aquele receio natural que sobre nós pesou na hora de começar. Sentimos já vontade de afirmar que estamos, não entre gente amiga, mas entre família. Dos que nos visitam e nos pedem rapazes para trabalhar e nos oferecem coisas, mal podemos dar indicação. De muitos donativos é mesmo impossível, por virem sob o anonimato, e do que nos é entregue pessoalmente temos ouvido estas palavras: faça favor desta encomenda mas não posso dizer quem a manda.

Louvemos o Senhor por tantos corações bons.

Os mestres do António Ferreira dos Santos pagaram-lhe a viagem para ir visitar a família; e os companheiros do Antonino deram-lhe um guarda-chuva. O Domingos Fernandes, recebeu uma óptima gabardine dos senhores onde ele trabalha. Para todos, recebi 1.000\$00 dum anónimo e 500\$00 do Padre Clara Angelo e 40\$00 do Padre António Júlio. Não falamos na hortaliça que tem vindo da Quinta de S. Bernardo e da Raposeira e bem assim do tão apreciado azeite.

Da nossa parte vai um muito obrigado a todos, com a certeza de que ao Pai do Céu pertence dar a recompensa.

Padre Duarte

Teatro Ribeiro Conceição

EM

LAMEGO

28 de Março

Às 21,30 h.

BILHETES À VENDA: Nas Bilheteiras do Teatro Ribeiro da Conceição; Na Casa Lopes & Requeixo; Na Tabacaria Valente.





CAMPANHA DE ASSINATURAS DE «O GAIATO». — Para uns é «desordeiro»; para outros «revolucionário» e ainda para outros «Famoso». Para todos é «O Gaiato».

No último número, lançamos a Campanha de assinaturas entre os amigos mais distantes. Fizemos um apelo a todos os que, em Angola, amam a Obra do Padre Américo.

Só amamos uma coisa quando a conhecemos. Se as Casas do Gaiato contam com muitos amigos, verdadeiramente apaixonados pelos problemas que elas tentam ajudar a resolver, há muita gente para quem ainda é desconhecida a presença da Obra do Padre Américo, em Angola. Para estes só um meio. É o jornal «O Gaiato», intérprete fiel da vida nas nossas Casas do Gaiato.

Cerca de 2.000 exemplares saem quinzenalmente para as ruas de Benguela, Lobito e Catumbela. Há ainda muitas famílias que o não recebem.

Aos amigos desta zona pedimos esta ajuda, das mais preciosas, com certeza — que façam chegar a todas as casas de boa vontade o jornal «O Gaiato» — onde os nossos garotos não chegam há os correios. Ou na rua, por onde passamos muitas vezes ao dia; ou por carta dirigida à Casa do Gaiato — Cavaco — Benguela, é fácil fazer chegar até nós os nomes e endereços de pessoas que ainda não têm em sua casa «O Gaiato».

Para outras terras da Província seguem também algumas centenas. Toda a zona de influência do Caminho de Ferro de Benguela é um alfobre de amigos e simpatizantes.

Merecem uma referência especial os ferroviários, pelo grande número de assinantes que há nessa grande família. Alguns estarão um nadinha adormecidos. Quem os desperta? Para muitos, a dificuldade de transferências de dinheiro para a Metrópole, a propósito da liquidação da assinatura, era motivo de desânimo. Agora, essa dificuldade desapareceu por completo. Têm as Casas do Gaiato em Angola, onde poderão satisfazer seu desejo.

No **Cubal**, aqui perto de nós, já «O Gaiato» penetrou. Na **Ganda** vai fazendo seus amigos. A todos esperamos levar, em breve, o calor da nossa presença física.

Em **Nova Lisboa** a campanha está em marcha. Chegamos notícias frescas de duas apaixonadas pela Obra de Pai Américo. Ei-las:

«Só hoje me é possível responder, pois esperava ver se conseguia alguma coisa de mais e melhor para satisfazer o pedido de assinaturas para «O Gaiato», jornal que, sem contestação alguma põe bem a claro a verdadeira caridade cristã, obra grandiosa iniciada pelo saudoso Padre Américo e continuada à custa de quantos sacrifícios, pelos seus Padres. Com os olhos postos em Deus e com a Sua ajuda esta grande Obra será imorredoura. Envio 4 assinaturas já pagas por um ano. As outras 18 que envio são criaturas minhas conhecidas, a quem julgo bem não fará falta repartir um mínimo do que têm pelos que não têm».

E, agora, este testemunho, também de **Nova Lisboa**:

«Fiz os possíveis por atender o seu pedido de assinatura.

ras. Lamento não poder ajudar mais. Sou natural do Porto e, portanto, essa Obra não me é desconhecida, antes, pelo contrário, a minha magra bolsa de estudante acompanhou, muitas vezes o crescer dessa Obra, quase desde os primeiros passos. Como eu me comovia ao ouvir falar o nosso bom Pai Américo na Rádio ou nas Igrejas».

Este testemunho vem acompanhado de 9 assinaturas novas e um vale de 600\$00.

Bela Vista, Silva Porto, Luso, Sá da Bandeira, Moçâmedes, terras onde chega «O Gaiato» mas onde há ainda muita gente que o não lê.

Esperamos novas assinaturas. Quem toma a iniciativa?

Padre Manuel

Visado pela
Comissão de Censura

FESTAS

Cont. da primeira página

e em Setúbal falte ainda um mês para o espectáculo promovido por cada uma destas comunidades.

Da primeira volta, no dia em que este «Gaiato» vir a luz, só falta Lamego. Esperamos que Padre Duarte se tenha mexido e que a nossa primeira apresentação naquela cidade não seja obra de sapador a preparar a segunda.

Depois será um pequeno

nino defeso até à Páscoa. A seguir será Espinho e Monção; Lisboa e Setúbal; Amadora e Caldas da Rainha; Amarante e Viseu; E o ciclo terminará onde principiou: no Coliseu do Porto na tarde de 8 de Maio.

Deus permita, no próximo número possa dar aquelas boas notícias da primeira volta, que serão o aval do êxito na segunda, mórmente em relação àquelas terras aonde iremos pela primeira vez.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

* Por indicação de alguém que encontrara na rua, «Capuchinho» dirigiu-se a um cabeleireiro a fim de aí levar «O Gaiato». Era um salão chique, dos que costumam ter porteiro à entrada.

Quando «Capuchinho» ia a entrar encontra-se com o dito porteiro que lhe diz:

— Oh rapazito! Não vás que eu dou-te cinco escudos!

Não sei se «Capuchinho» foi ou se não foi. Sei porém que há muitas casas por esse Portugal fora, terras a que «O Gaiato» é levado como mensageiro de Cristo, e os criados (talvez à sucapa!) trancam as portas. E, geralmente são os porteiros: porteiros de salões, de hotéis, de cafés e de casinos. Estão eles convencidos que a entrada de «O Gaiato» é um estorvo às gorjetas, que costumam receber, e que a maior parte das vezes nada lhes adianta.

Enquanto fui vendedor também já me aconteceu o mesmo e por isso posso sentir a mesma mágoa que os de agora sentem, quando tal lhes acontece.

Por esse motivo eu queria, em nome dos vendedores, apelar para os patrões dos ditos estabelecimentos para que tomassem conta de casos como este.

* **DESPORTOS** — A vida desportiva, em nossa Casa, esteve um pouco paralizada durante a temporada das chuvas; o nosso campo de futebol, embora relvado, chovendo a valer uns dias seguidos, transforma-se num autêntico lameiro.

Porém o tempo começou a levantar e a bola foi despertando o seu interesse.

Os primeiros dias devido ao mau estado do campo e ainda à bola que lá rolava (de plástico e pequena) quase ninguém jogava.

Domingo passado, porém, verificou-se uma autêntica invasão geral: grandes e pequenos corremos para o campo onde uma bola de couro nova convidava a um belo desafio. Devido à falta de treinos que se vinha verificando, o encontro não decorreu como se esperava.

Mas agora que já estamos em forma, queremos fazer um convite a qualquer grupo desportivo que nos queira visitar.

Já agora a propósito de desportos. É que uma bola dá para 22 jogadores e cá em Casa somos mais de oitenta; queria também lembrar um pedido feito há uns meses e até hoje não cor-

respondido: São os tacos de bilhar. Se ao menos mandassem as pontas de marfim, os nossos carpinteiros encarregavam-se do resto e nós ficar-vos-íamos igualmente gratos. Quem não esquece?

António Ferreira da Silva

CALVÁRIO

* **ESPERANÇA** — Com o reaparecer do bom tempo, com estes dias de sol, o nosso corpo começa a adivinhar que a Primavera está próxima. Ainda falta, na altura que escrevo, cerca de um mês para a termos, mas já o «Calvário» começa a tornar-se sedutor com o despontar dela.

Estamos no tempo Quaresmal. Mais do que em qualquer parte nós podemos meditar na grandeza dos sofrimentos que Cristo por nós sofreu. Para tanto basta olharmos para doentes que aqui se encontram. Cristo deu-nos o exemplo. Pois se Ele resistiu a sofrimentos tamanhos que homem algum jamais teve. Este tempo serve para nos recordar mais isto do que nenhum outro.

Nós podemos pois aprender muito com os nossos irmãos doentes. «Enquanto há vida... há esperança!» Ora na enfermidade de tantos deles também há esperança. Pois em sofrimento por vezes tão cruel, nota-se algo de sublime. Eles sabem que este sofrer não dura sempre. Depois da morte vem a Ressurreição.

Neste tempo temos procurado penetrar-nos mais com o nosso inte-

rior. Pois é necessário lembrarmos para não cairmos na prejudicial rotina. Assim alertados e com força de vontade chegaremos à Suprema Primavera!

* **QUEM NOS ATENDE?** — Há, por vezes publicações que se espalham por toda a parte, que inserem artigos com a aparência de bem-fazer.

Todos os nossos leitores sabem que o «Calvário» não é uma aparência, mas sim uma grande realidade. Ora, é em nome dessa grande realidade que me atrevo a lançar n'«O Gaiato» um pedido. É um rádio! Pois é verdade! Todos os meios são poucos para distrair o espírito. Os que podem alguma coisa ainda trabalham consoante as forças. Mas os que estão na cama sem sequer se poderem voltar como nós? É pois em nome dos doentes do Pavilhão dos paralíticos que vos incomodo. Temos tido mas dão tanta despesa... que mais valia comprar uns novos! — Um deles era do Pavilhão dos Homens. Devido a uma forte descarga eléctrica queimaram-se as peças todas. Já não tem concerto!

Não queira o amigo leitor deixar os homens tristes... por causa dum rádio! A direcção já todos a sabem. Dêem as vossas ordens... Ficamos gratos.

Manuel Simões

AMADORA

(Salão Paroquial)
20 de Abril às 21,30 h.

CALDAS DA RAINHA

(Salão da Escola Comercial)
23 de Abril às 21,30 h.

LUIA TODY

SETUBAL

22 de Abril

Às 21,30 h.

BILHETES À VENDA: Lar do Gaiato, Av. Luisa Tody, 38 — tel. 24620. Na Papelaria Campos, Largo da Misericórdia e nas bilheteiras do Cine-Teatro.

MONUMENTAL

DE LISBOA

21 de Abril

Às 18,30 h.

BILHETES À VENDA: Ourivesaria 13: R. da Palma, 13 — Telef. 861939; Montepio Geral: R. do Ouro, 241 — Telef. 361555; Franco Gravador: R. da Vitória, 40 — Telef. 361406; Lar do Gaiato de Lisboa: R. dos Navegantes, 34 r/e — Tel. 669451; Nas Bilheteiras do Monumental: (só no último dia) — Tel. 555131.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE